

# Sai o livro de Hans Staden com inéditos de Portinari

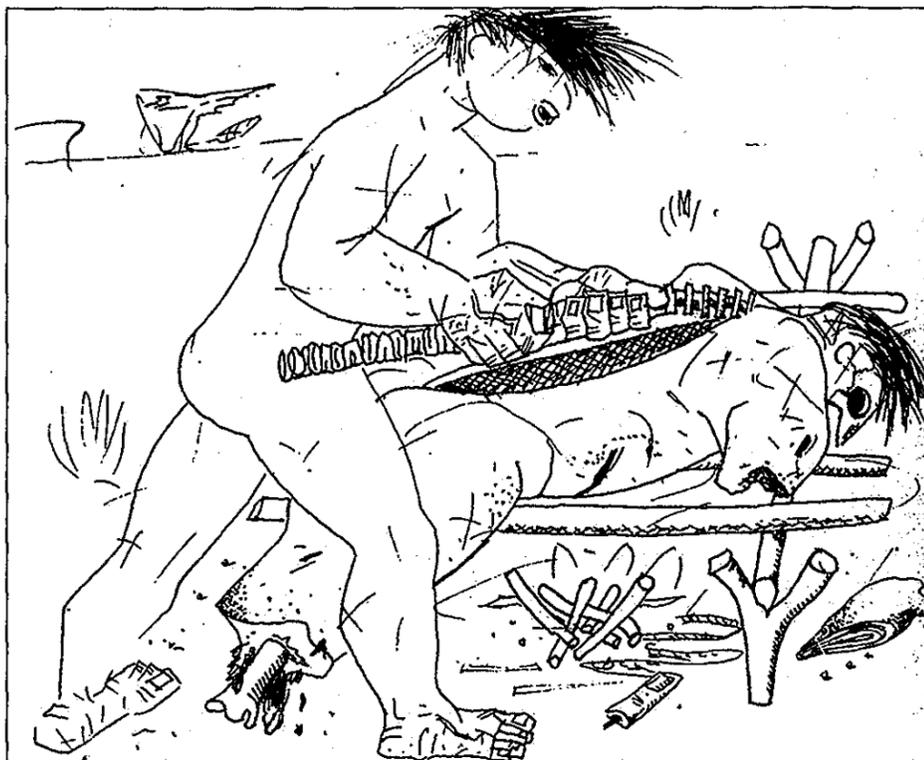
A obra, um clássico da antropofagia, será lançada hoje na Livraria Cultura

CARLOS HAAG

Os infelizes que, a golpes de taca-pe, se transformaram em repasto de indígenas não poderiam imaginar que o seu indigesto fim se transformaria, um dia, em sinônimo de arte. Como se não bastasse ser tema da bienal deste ano, a antropofagia retorna na sua fonte original: *História Verdica*, narrativa das aventuras de Hans Staden. O livro faz parte de *Portinari Devora Hans Staden* (Terceiro Nome, 144 págs., R\$ 60,00), que traz, além das gravuras da época, os 26 desenhos inéditos feitos por Cândido Portinari, em 1941, para uma edição americana malograda da obra do alemão. A obra será lançada hoje, às 18h30, na Livraria Cultura (Avenida Paulista, 2.073).

Com o longuíssimo e exótico subtítulo de *Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida Antes e Depois de Jesus Cristo*, o livro de Staden (1520-1557), publicado em 1557, na Alemanha, foi o primeiro documento a falar do País, após a carta de Caminha. Em 400 anos, foram mais de 80 edições, mas o Brasil só leu a versão em português, pela primeira vez, em 1900 (*Portinari Devora* traz uma boa nova tradução, de Angelo Bojansen). Lida por modemos, serviu para a construção da boutade de Oswald de Andrade e foi usada por Villa-Lobos para entreter amigas europeias, com o maestro colocando-se, charmosamente, no lugar do protagonista.

O viajante germânico do século 16 nasceu em Homburg e visitou o Brasil duas vezes, em 1547 e em 1549. Na segunda estadia, a mais longa, após um naufrágio, encontrou-se (leia-se: ficou preso por nove meses) com os tapajós, safou-se, arranhou um emprego (indicado por Tomé de Souza) como comandante de uma fortaleza, em Bertioja, apenas para cair, depois, novamente prisioneiro dos selvagens, desta vez dos tupinambás, conheci-



Obras de Portinari: a série de desenhos não desceu pela goela dos americanos que, chocados com a crueldade dos selvagens, rejeitaram a coleção do brasileiro



dos antropófagos.

O contato com os índios em suas danças, lutas e rituais (entre eles, o canibalismo) serviria como matéria-prima da narrativa de suas desventuras rocambolescas, com Staden sempre na iminência de se transformar em refeição para, graças às orações e ao fato de curar um nativo, salvar-se de ser o convidado de honra do banquete. Livre, retornou à França em 1555.

**Apetite degenerado** — O tom de sua descrição, é claro, vem temperado dos preconceitos do branco europeu, que via os índios como um bando de pelados, que “viviam zombando da moral e desrespeitando os mandamentos cristãos”. Mas, na contramão do vício, está a virtude de Staden: temente a Deus em demasia, esforçou-se em contar a verdade e acabou por

criar um relato fascinante da vida nas tribos, seus hábitos e tradições (foi pioneiro ao entender o canibalismo como um culto e não como apetite degenerado), a fauna e a flora da região.

Foi também para honrar a Deus que, às suas custas, fez editar a *História*, com gravuras feitas a partir de seus desenhos. Que inspiraram (basta comparar as gravuras nesta página), séculos depois, Cândido Portinari, convidado, nos anos 40, a ilustrar uma edição

analogias a *Retirantes* (membros descomunais, figuras toscas e um intenso dramatismo, em especial no ritual antropofágico), a série de 26 desenhos não desceu pela goela dos americanos que, chocados com a crueldade dos selvagens chupando ossos sanguinolentos e desejosos de um exotismo light, rejeitaram a coleção do brasileiro.

Que, assim, estava inédita até esse lançamento, trazendo, ao lado da obra de Staden, as memórias de um tempo em que os índios é que punham fogo nos brancos, antes de devorá-los. Tempos piores? Depende de que lado das chamas você está.

**S**ÃO 26  
 DESENHOS  
 FEITOS PELO  
 ARTISTA EM 1941



Hans Staden: pioneiro ao entender o canibalismo como um culto e não como apetite degenerado